

A casa de Schliemann

Nacionalismo, Classicismo e colecionismo no Museu Numismático de Atenas

Schliemann's house: nationalism, classicism and collectionism at the Numismatic Museum of Athens

Recebido em: 26/09/2025

Aprovado em: 06/02/2026

Pedro Mangeti Zaninetti

[Sobre o autor >>](#)

RESUMO

O conceito de Museu tem sido repensado ao longo dos anos, mas os museus numismáticos ainda requerem estudos específicos. O presente artigo tem como objetivo contribuir para o campo dos museus numismáticos a partir do estudo de caso do Museu Numismático de Atenas, investigando como a instituição contribuiu para a construção da identidade nacional grega. Por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando estudos sobre a vida e a obra de Heinrich Schliemann, a análise arquitetônica de sua casa e textos oficiais fornecidos pelo museu, a pesquisa indica que o interesse neoclassicista de imigrantes alemães e as coleções de moedas de magnatas gregos abriram o caminho para a criação de um dos museus mais antigos da Grécia moderna.

Palavras-chave: Numismática; museus; patrimônio; nacionalismo; coleções.

ABSTRACT

The concept of a museum has been rethought over the years, but numismatic museums still require specific studies. This article aims to contribute to the field of numismatic museums through a case study of the Numismatic Museum of Athens, investigating how the institution contributed to the construction of Greek national identity. Through a qualitative approach, using studies on the life and work of Heinrich Schliemann, the architectural analysis of his house, and official texts provided by the museum, the research indicates that the neoclassical interest of German immigrants and the coin collections of Greek magnates paved the way for the creation of one of the oldest museums in modern Greece.

Keywords: Numismatics; museums; heritage, nationalism; collections.



Introdução

Uma casa nem sempre permanecerá uma casa, principalmente se tiver sido a residência de uma figura importante. Esse é o exemplo da casa de Heinrich Schliemann, magnata alemão que deixou um legado ambíguo para a arqueologia e para Atenas, cidade que ele escolheu viver boa parte de sua vida. Na antiga mansão de Schliemann, hoje funciona o Museu Numismático de Atenas, uma das instituições mais antigas da Grécia moderna.

O objetivo deste artigo é abordar o Museu Numismático de Atenas como instituição, o espaço físico que ele ocupa e as figuras que trabalharam para que essa instituição tomasse forma. O prédio, os jardins, as grades, os antigos donos, a planta e as coleções: tudo isso contribui para sua compreensão. O que foi demolido para esse local existir? O que ele representa para a cidade que o sedia? O que significam os retratos dos ricos doadores no salão principal do museu? Esses são vários aspectos e questões que, junto com as coleções que ele abriga, nos ajudam a entender como o museu se comunica.

O texto a seguir se divide em duas partes. Na primeira, é feita uma análise sobre Schliemann por meio de dados biográficos: suas alegadas proezas e a criação de um mito em torno de sua figura, bem como sua relação com teorias raciais em voga na Europa. Sua casa, uma mansão de estilo neoclássico, também será objeto dessa parte do artigo, bem como as influências de Ernst Ziller, o arquiteto relacionado aos ricos imigrantes vindos da Alemanha e que contribuíram para moldar a Atenas do século XIX com base na Antiguidade Clássica.

Na segunda parte, por meio de descrições oficiais oferecidas pelo material oficial do museu, é contada a história do Museu Numismático de Atenas e das suas coleções, pensando o patrimônio numismático como forma de legitimação de um Estado moderno nascente, assim como o legado deixado pelo prédio do Museu na paisagem ateniense.

A casa de Schliemann e a coleção se misturam com as doações de ricos colecionadores, interessados em fazer parte de uma narrativa oficial baseada na continuidade entre a Grécia Antiga e a Grécia do século XIX.

Uma casa para o museu

Eles o honrarão como se fosse um deus
e mandá-lo-ão numa nau para a amada terra pátria.

E bronze lhe darão, ouro e belas tapeçarias:
mais tesouros que Ulisses teria trazido de Tróia,
se incólume tivesse regressado com sua parte dos despojos.

(Homero, 2021, p. 91)

Um dos mais antigos museus da Grécia, o Museu Numismático de Atenas está localizado no centro da cidade, perto da praça Syntagma e do Parlamento Helênico. O prédio, porém, é curioso: um palácio neoclássico e renascentista com elementos do barroco pictórico nos tetos e um interior repleto de afrescos e mosaicos inspirados nas casas de Pompeia. Nas grades de ferro fundido do exterior, esfinges repousando sobre suásticas budistas cumprimentam o visitante que chega ao *Iliou Melathron*, o Palácio de Ílion.



Figura 1. Fachada externa do museu na rua Eleftherios Venizelos. Fonte: Autor, 2024.

Um palácio excêntrico para um homem excêntrico. Figura controversa do meio, Johann Ludwig Heinrich Julius Schliemann nasceu em 1822 no Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin. De acordo com alguns escritos autobiográficos deixados pelo autor, Schliemann se tornou obcecado com as obras homéricas quando ainda

era criança, e passou a acreditar fervorosamente que os poemas recitados por Homero possuíam, enfim, algum embasamento histórico (Deuel, 1977).

Embora nascido em uma família humilde, Schliemann construiu sua fortuna ao longo dos anos na Rússia, onde conheceu sua primeira esposa, Ekaterina Lyschin, e atuou como empreiteiro durante a Guerra da Crimeia. Na mesma década, nos Estados Unidos, ele abre um banco durante a Corrida do Ouro em Sacramento, na Califórnia. Como consequência de sua cidadania estadunidense, em 1869 Schliemann, então com 42 anos, obtém o divórcio de Lyschin e se muda para Atenas onde, dois meses depois, se casa com Sophia Engastromenos, de dezessete anos.

Com uma reserva confortável de capital, ele então se dedica ao estudo da Antiguidade Clássica. A maior conquista de Schliemann, porém, viria em 1871, com a escavação da cidade de Troia (ou Ílion) em Hissarlik no então Império Otomano. Ou, pelo menos, aquilo que Schliemann acreditava ser a Troia homérica. Na realidade, ele escavou por meio da Troia “homérica” e chegou nos assentamentos inferiores, descobrindo um esconderijo de ouro e joias que Schliemann intitulou “tesouro de Príamo”¹ e contrabandeou para fora do Império Otomano (Kourkolakos; Balaskas, 2025, p. 257).

Ao mesmo tempo, Schliemann tentou obter permissão do Reino da Grécia em 1873 para escavar em Micenas, o que lhe fora negado. Em 1874, Schliemann escavou ilegalmente no sítio até que autoridades gregas expulsaram-no da área. Porém, ele obteve a permissão e retornou a Micenas em 1876. Naquele ano, Schliemann faz a descoberta das tumbas de “Agamemnon” e “Clytemnestra”, como ele denominou os esqueletos.

Schliemann possuía uma relação fluida com o conceito de patrimônio. Para ele, a descoberta desses tesouros só faz sentido quando associada a figuras dos livros de Homero, como na des-

¹ A veracidade do tesouro encontrado por Schliemann foi tópico de debate durante anos. David Traill (1988) considera que o tesouro tenha incorporado achados de outras partes da escavação para inflar o tamanho do tesouro, enquanto Edmund Bloedow (1986) refuta que esse tenha sido o caso, mesmo admitindo que Schliemann era conhecido por engrandecer os próprios achados.

coberta da “tumba de Agamenon”, em Micenas, ou no “tesouro de Príamo”, durante escavação em Micenas, fiando-se na ideia de que a máscara funerária de “Agamenon” tinha sido modificada (Topic, 2025; Graziadio, 2006). Quanto ao tesouro de Príamo, havia diademas e brincos que Schliemann usou para vestir e fotografar sua esposa Sophia, agora intitulados “joias de Helena” (Topic, 2025; Graziadio, 2006, p. 258).

Schliemann representava também um tipo de público bem particular que emigrou para a Grécia após a independência do país. Otto von Wittelsbach, príncipe da Bavária então com dezessete anos, foi escolhido pela Grã-bretanha, França e Rússia para liderar o Reino da Grécia após a derrota do Império Otomano. Como resultado, imigrantes alemães que seguiram a implementação da corte de Otto realizaram diversas mudanças urbanas no cenário de Atenas, incluindo a destruição de prédios otomanos e bizantinos em favor do estilo neoclássico. O próprio Schliemann pagou pela demolição de uma torre franca localizada na Acrópole. Os alemães estavam transformando Atenas em um museu a céu aberto, suas ruínas, interrompidas por casarões neoclássicos (Grenda, 2019, p. 11).

Em 1878, Schliemann mandou construir sua nova residência: o Palácio de Ílion (ou Iliou Melathron) em homenagem à sua fazenda em Hissarlik. Mais que residência, a mansão possuía uma função maior: um museu privado, um “gabinete de curiosidades” das expedições do seu dono, que compreendia todo o térreo da mansão. A responsabilidade pela empreitada é atribuída a Ernst Ziller, um arquiteto alemão que estava fazendo carreira na Grécia com projetos de prédios públicos, mansões privadas e igrejas. Os afrescos pintados no interior da mansão do arqueólogo foram feitos por um pintor esloveno, Jurij Šubic, e representam também alegorias a Schliemann, afirmando assim quem deve ser celebrado como uma lenda moderna. (Grenda, 2019, p. 15).

O edifício é composto de dois andares e uma decoração externa e interna impressionantes. O primeiro andar foi dedicado ao círculo social de Heinrich Schliemann: um espaço central com o salão principal (atualmente o “Schliemann Hall”); um salão com biblioteca para saraus literários; a sala de recepção; a sala de jantar (atualmente o

“Donors room”, sala dos doadores) e os aposentos dos mordomos da mansão. É no salão principal que Schliemann mantinha artefatos de suas escavações (incluindo o Tesouro de Príamo), como fragmentos de cerâmica e peças da coleção numismática do arqueólogo.

No segundo andar, havia os quartos, o escritório e a biblioteca de Schliemann, que hoje contém parte do acervo mais moderno do Museu Numismático de Atenas, com a coleção medieval, otomana e contemporânea. O jardim continha um estábulo, atualmente ocupado pelo café do museu. Havia ainda, no edifício, comodidades modernas, como ventilação por dutos, aquecimento a gás e implementos contra incêndio.

Quando o prédio pertencia à família Schliemann, o edifício possuía 24 estátuas no parapeito do teto. Essas cópias eram o Meleagro de Escopas, a Sátiro-Hermafrodita de Dresden, a Amazona do Vaticano, Apolo, Atena, o Diadúmeno Farnésio, Ártemis, o Doríforo de Policleto de Nápoles, a Flora de Nápoles, Zenão do Capitolino, o Sileno e Dionísio do Louvre, a Grande Heráclito, o Antínoo do Museu Capitolino e o Cínico do Palácio Gandolfo (Ευθυμίου; Σαράντη, 2018, p.75).

A imitação do estilo grego era para os artistas germânicos um objetivo da modernidade, de acordo com a obra do helenista pioneiro Johann Joachim Winckelmann (Hirsch, 2012, p. 441). O anseio pela arte grega, porém, teve de contentar-se com a arte romana. No século XVIII, notícias das escavações em Herculano (1711) e Pompeia (1748) forneceram para artistas e arquitetos da época um vasto material pictórico que se espalhou pela Europa e se tornou moda para a decoração interna de palácios.

Para Winckelmann, o estilo grego ia além da imitação do belo: era uma elevação do espírito (Süssekind, 2008). Essa compreensão também possuía uma outra característica que seria muito utilizada por movimentos de racismo científico no século XIX, a ver, a ideia da beleza mensurável a partir da fisionomia e a aparente brancura das obras greco-romanas, embora o próprio Winckelmann tivesse identificado e estudado traços de cor nessas esculturas (Hodne, 2020).

O mesmo espírito de filelenismo que inspirou Winckelmann e o movimento do Romantismo na Alemanha também inspirou Heinrich Schliemann desde a juventude. No século XIX, não havia

residência artisticamente significativa na Alemanha que não se inspirasse nos cômodos de Pompeia, e esses temas também encontraram seu lugar em casas da burguesia. Nos mosaicos e no teto do Iliou Melathron, Schliemann mandou representar seus mais importantes achados em Troia. Tal escolha foi reproduzida por Ziller no mausoléu encomendado pelo arqueólogo, cuja raiz comum também são as decorações murais de Pompeia (Hodne, 2020, p. 443).

Também é de se notar que a mansão contém, em sua grade externa, suásticas. Schliemann se tornou fascinado com o símbolo ao encontrá-lo abundantemente em Troia e perceber sua aparente popularidade no mundo antigo, com várias civilizações “compartilhando” a suástica (1976, p. 345):



Figura 2. Detalhe do gradil externo da mansão. Autor, 2024.

Descobrir a suástica em Troia significou para Schliemann uma evidência de continuidade racial dos povos em Hissarlik com a raça ariana. Inicialmente pontuada por Arthur de Gobineau², a conexão da mítica raça ariana e os povos germânicos não poderia ser ignorada pelo arqueólogo alemão. A antropóloga Gwendolyn Leick afirma que

² Gobineau, por sua vez, não considerava Schliemann um acadêmico sério. Em uma carta escrita a bordo de um vapor fretado por Dom Pedro II, ele escreve que Schliemann “[...] não passa de um charlatão atrevido, um mentiroso e um imbecil” (Gobineau *apud* Deuel, p.348). Pedro II, que afirmou ter estado com Schliemann em Micenas e em sua casa no Bósforo, concorda com Gobineau em seu diário: “Era homem de muito mas com grande dose de charlatanismo” (Pedro II *apud* Bediaga, 1999, p. 893)

a ligação entre a suástica e a origem indo-europeia permitia a projeção de sentimentos e associações nacionalistas em um símbolo universal (1997), que, portanto, servia como um marco de distinção entre a identidade não ariana, ou melhor, não alemã, e a alemã.

Isso foi apontado a Schliemann em sua correspondência com Émile-Louis Burnouf, um dos pais do arianismo, citado explicitamente em suas memórias da escavação (1976, p. 348). Leo Deuel afirma que a inclusão das suásticas nas grades foi feita para honrar os antepassados arianos do proprietário do Iliou Melathron (1977, p. 281). Embora não existam evidências que aproximem Schliemann do movimento antissemita germânico, teorias raciais arianas certamente tiveram influência no seu pensamento arqueológico.

O arqueólogo viveu pouco em sua casa. Com o término das obras e sua inauguração em um grande baile em 30 de janeiro de 1881, Schliemann passou mais tempo em suas escavações fora de Atenas até falecer em 1890, quando a casa passou para sua esposa, Sophia. Endividada, Sophia vendeu a casa para o Estado em 1926. Com o dinheiro do patrimônio do colecionador de arte Alexandros Soutsos, Zacharias Papantoniou, diretor da Galeria Nacional, comprou o Iliou Melathron para estabelecer uma nova sede para a galeria.

A mudança, porém, nunca foi realizada: Papantoniou considerou o Iliou Melathron incapaz de receber a coleção de Soutsos, e o prédio passou para o Estado novamente. Em 1929, o Conselho de Estado foi alocado para a mansão de Schliemann, onde permaneceu até 1934, quando a Suprema Corte assumiu o local. Em 1980, a Suprema Corte é transferida e o Tribunal de Apelações é instalado brevemente no Iliou Melathron onde permanece até 1983. A Corporação Imobiliária Pública Helênica tomou o edifício para o Ministério da Cultura, quando o palácio passou por uma enorme restauração de seu interior.

Durante o novo período helenístico, o Classicismo trouxe uma harmonia tanto na arquitetura quanto na estética para a alta sociedade grega pós-revolucionária e os imigrantes alemães. Monumentos assim fornecem um testemunho para as reformas urbanas que tomaram conta da cidade de Atenas, porém as escolhas arquitetônicas feitas requerem uma atenção especial, principalmente levando

em conta que o Iliou Melathron reflete a forma como Schliemann queria ser visto (Antoniadis; Kouremenos, 2020).

Um museu para a casa

As primeiras moedas apareceram por volta do século VII-VI a.C. no território da Lídia, atual Turquia, na Anatólia. O conceito de dinheiro não era estranho para as sociedades pré-cunhagem, porém esses objetos, feitos de metais preciosos como ouro, prata ou electrum (uma mistura dos dois metais), se popularizaram por sua praticidade como representações de valor. Mais que isso, moedas também são meios de comunicação.

Por conter informações que são passadas de mão em mão por meio de trocas comerciais ou pagamento de serviços, esses objetos possuem marcas que conectam o emissor com o destinatário. Assim, moedas se tornaram também símbolos de poder contendo imagens de mitos e governantes que conectam uma sociedade ideologicamente.

A moeda existe em dois planos: um presente e outro futuro. No presente, ela serve sua função de representação de valor e comunicação ideológica. No futuro, ela serve de documento histórico e objeto colecionado, ou seja, abstraído de sua função. O ato de colecionar moedas é tão antigo quanto as moedas em si: como objetos de valor artístico e dotadas de certo status, reis e imperadores mantiveram coleções ao longo de séculos, como os imperadores romanos, vários papas e inúmeros membros da família Médici.

Como tal, moedas rapidamente se tornaram uma fonte de conhecimento sobre o mundo antigo. Com a formação dos museus na Europa, coleções desses objetos passaram para o patrimônio público para servir a uma função educacional, embora simbolizando o poder do museu, do colecionador e do Estado. Com o fim da ordem aristocrática na Europa e a ascensão de classes industriais e comerciantes, é no século XIX que o fenômeno do colecionismo começa a tomar forma “popular”, abrangendo a criação de casas de leilão e vendedores especializados.

Na Grécia pré-independência, o ato de colecionar se tornou parte de uma herança cultural para gregos afluentes que viviam em diáspora. Essa herança cultural se tornaria muito interessante para os novos museus criados na nova pátria, e esses homens tinham muito interesse em escrever seus nomes na história do novo país. Acervos de ricos colecionadores, como os irmãos Zosimas, Pavros Lambos e Ioannis Dimitrou e, posteriormente, as coleções de Alexandros Soutsos, Grigorios Empedocles e do próprio Schliemann foram incorporadas ao Museu Numismático. No caso de Schliemann, sua coleção foi sendo construída ao longo de suas expedições. Ele mesmo conta que, em uma escavação em Ítaca, “um camponês se aproximou e me ofereceu um vaso de barro e uma moeda Coríntia de prata com uma cabeça de Atena de um lado e um cavalo no outro [...] Eu os comprei por 6 francos” (Deuel, 1977, p. 136).

A prática demonstrada por Schliemann neste excerto não era incomum nos séculos XVIII e XIX. Turistas europeus e americanos compravam moedas do período antigo greco-romano, barganhando com camponeses que as encontravam casualmente. No caso de um professor da Universidade de Columbia, George Olcott, que conta ter feito o mesmo em Taormina. Lucia Carbone afirma que

(...) esta mistura de pragmatismo mercantil e pormenores acadêmicos, e a mistura de igualitarismo colonial com esta mais aristocrática das atividades europeias de lazer, resumem as atividades de Olcott numa época em que a fronteira entre o mundo acadêmico e o mundo numismático não era tão frequentemente atravessada como talvez é hoje (Carbone et al, 2023, p. 17).

O palácio já servia como museu desde a época de Schliemann, e, de fato, muito foi planejado como um monumento aos feitos do arqueólogo. Um visitante em particular, Joseph Maria von Radowitz, ministro do Interior da Prússia e enviado do Império Alemão para Atenas, afirmou ter “sofrido” enquanto Schliemann lhe apresentava sua coleção de “mais de mil cacos” de cerâmica de Troia (Id, 274). Porém, as bases para um museu numismático na Grécia começaram bem mais cedo, em 1829, quando o país se tornou independente do Império Otomano. Ioannis Kapodistrias, primeiro chefe de Estado da Grécia, iniciou os projetos que viriam a se tornar o

Museu Arqueológico Nacional e o Museu Numismático de Atenas como parte do esforço de construção de uma identidade nacional para o novo Estado.

Mesmo planejado como órgão independente, a autonomia administrativa do museu tardou a iniciar. A princípio composta de 329 moedas do Museu Arqueológico Nacional, a coleção numismática foi alocada para a Biblioteca Nacional da Grécia em 1843, sendo designada como uma ramificação oficial da biblioteca em 1867. Em 1890, o diretor Ioannis Svoronos (cuja *villa* também foi projetada por Ziller) muda a coleção para a Academia de Atenas, onde permanece até 1946, quando se torna parte do Museu Arqueológico Nacional. Foi somente em 1983 que o Ministério da Cultura entrega a antiga mansão de Schliemann para a formação oficial do Museu Numismático de Atenas, que reabre somente em 2003, após a restauração no monumento.

O avanço das escavações fortalecia o sentimento nacionalista grego, com a intenção de associar a antiga civilização do período helenístico ao Reino da Grécia do século XIX. É assim que uma coleção de 329 moedas se tornou uma coleção de 600 mil moedas: uma grande parte do patrimônio do museu foi composta, por sua vez, de doações, seguindo o padrão da institucionalização da numismática nos museus europeus (Perroni, 2022).

Atualmente, o visitante que entra no Museu Numismático de Atenas se depara com o Schliemann Hall após a loja do museu. Essa sala mantém a sua tradição original como museu das façanhas de Schliemann e do projeto de Ziller, destacando sua coleção numismática, sua vida e obra e o Iliou Melathron em si. Ernst Ziller também projetou os gabinetes que guardam a coleção de moedas de Schliemann em formato de acrópole:

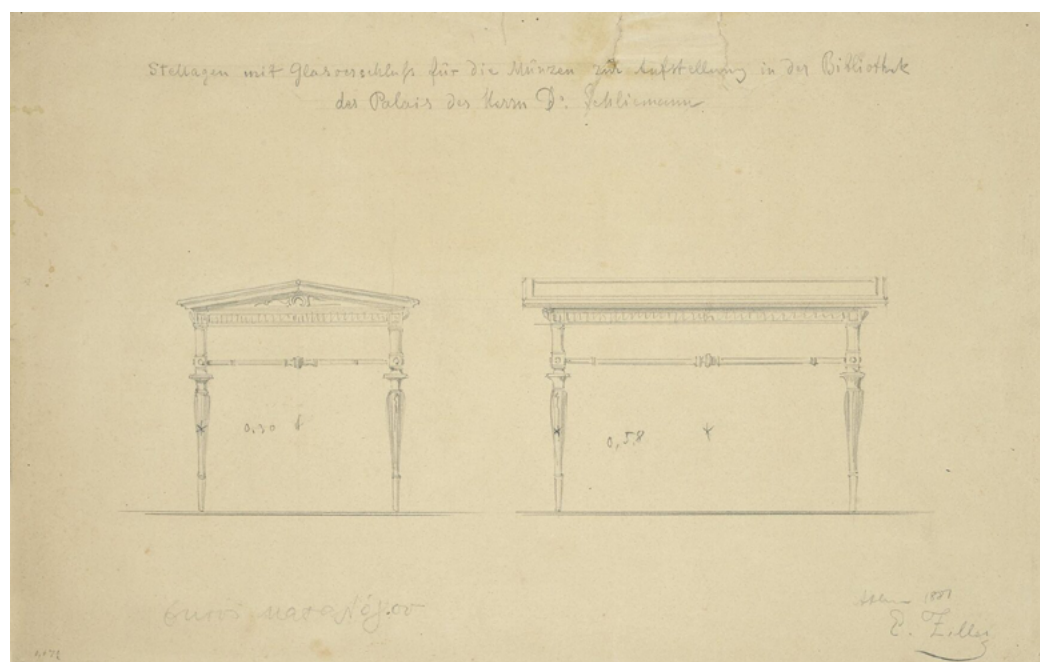


Figura 3. Projeto da vitrine numismática de 1881.

Fonte: Galeria Nacional de Atenas, ano.

O que o Iliou Melathron nos diz como sede do Museu Numismático de Atenas? Mónica de Gorgas (2001, p. 10) afirma que o poder evocativo de uma casa transformada em museu é uma conexão entre a memória individual e a memória coletiva: seu objetivo não é a história *per se*, mas sua representação. O visitante do Schliemann Hall é convidado a uma viagem no tempo em que o dono da casa lhe apresenta suas façanhas e suas coleções, assim como ocorreu a muitos dignitários que por lá passaram.

Gorgas ainda afirma que não há valor intrínseco ao objeto, afinal o que lhe confere valor é sua relação com seres humanos (Gorgas, 2001, p. 14). Por mais que essa seja uma análise correta, coleções provenientes de membros de uma determinada elite possuem uma relação mais peculiar. Por exemplo, uma moeda grega pode não possuir valor intrínseco, mas ela se dota de uma certa sedução para Schliemann. Para os visitantes e diretores de museus numismáticos, a moeda recebe, ainda, outra dimensão por ter sido parte da coleção de Schliemann. É o “pedigree”³ da moeda.

³ É o termo utilizado por casas de leilão para se referir a uma “linhagem” de proprietários de determinada moeda (Hengeveld, 2024). O pedigree numismático mais famoso é o da coleção do Rei Farouk I do Egito, leiloadada após a Revolução de 1952.

O diretor Ioannis Svoronos também percebia a importância do comércio de moedas e do colecionismo privado. Em 1922, Svoronos, decepcionado com turistas que compravam moedas falsas como souvenir da Grécia, passou a publicar as obras dos falsificadores e até sugerir que fossem realizados leilões para “trocar duplicatas e todas as moedas e outros objetos antigos, que somam milhões e estão adormecidos em nossos museus” (Svoronos, 1922, p. 4), uma forma de “estatização” do comércio numismático.

Para compreender o colecionismo, é necessário também abranger os motivos que levam a essa atividade, descrever as percepções predominantes durante o período de formação da coleção, avaliar os critérios de seleção e, se possível, delinear os métodos de busca aplicados pelo colecionador. Nikolaos Katsikoudis, cujo trabalho investigou a coleção numismática dos irmãos Zosimas, afirma que o sentimento de exílio nos gregos diaspóricos facilita o apego a um forte equivalente simbólico, como o ideal nacional (Κατσικουδης, 2005, p. 210). A coleta desse material arqueológico possui a finalidade de descobrir (e possuir) memórias do passado histórico.

Como também apontado por Katsikoudis, o objetivo final da atividade sistemática de coleta é geralmente a exibição dessa coleção e, por esta razão, um espaço organizado é necessário para as correlações das várias categorias ou séries. Essas categorizações são frutos do colecionador, sua participação ativa, que ele agrupa de acordo com as especificidades dos objetos.

Outro aspecto da coleção é que ela constitui um processo de autoconsciência que continua após a morte do colecionador. A exposição de uma coleção em um museu é um desejo básico do colecionador, pois ali a coleção pode fazer parte de uma apresentação museológica sistemática. Se os objetos são portadores de significado nacional, sua institucionalização garante que esses objetos (e seus ex-proprietários) sejam responsáveis por uma continuidade do passado com o presente.

Isso porque as coleções eventualmente terminam. Não se completam, mas chegam ao fim com a alteração do seu propósito (Jardine et al, 2019, p. 7) e, portanto, passam a ter uma identidade diferente. No caso de coleções amadoras ou pessoais, a institucio-

nalização confere autoridade científica e acadêmica que não teriam de outra forma.

A coleção dos irmãos Zosimas não buscava a legitimação de sua propriedade, e sim uma visão do uso social da riqueza, servindo a ideais humanistas como a ciência, a história ou o nacionalismo. A intenção por trás da coleção foi justamente servir a um “bem maior”. A razão individual por trás da coleção é diminuída em favor de seu serviço ao público (Jardine et al, 2019, p. 212). O próprio governador Ioannis Kapodistrias, interessado no paradeiro dos selos e das moedas após a morte de Zois Zosimas, envia uma carta a Nikolaos Zosimas para lembrá-lo que o seu falecido irmão desejava legar suas coleções à Grécia.

E o que queriam os doadores? Ao assumir uma motivação social, o colecionador doa para suprir a falta de patrimônio do Estado. O Estado Grego pós-independência necessitava de um capital cultural que, à época da independência, não podia suprir. Foi esse também um dos motivos que levaram imigrantes alemães a reestruturarem Atenas em busca do período Helênico. De acordo com o *website* do museu, “a compilação de coleções e sua doação ao Museu Numismático faz parte do espírito de proteção do patrimônio cultural nacional, que tem sido uma prioridade para os gregos esclarecidos desde a fundação do novo estado grego” (Numismatic Museum, 2025).

A coleção numismática dos Zosimas foi eventualmente entregue ao Museu Numismático (então parte da coleção numismática da Biblioteca Nacional), em 1857, por Nikolaos e Achilles Postolakas, o diretor. O catálogo conciso da Coleção Zosimas é aberto com a seguinte frase: “Para o conhecimento dos gregos e a bênção daqueles que beneficiam a nação” (Numismatic Museum, 2025, p. 215). O Iliou Melathron apresenta parte da “brilhante e preciosa coleção de moedas e outras relíquias” dos irmãos Zosimas. Na mesma sala, como símbolo de honra e gratidão, está exposto o retrato de Nikolaos Zosimas feito por Nikephoros Lytras. Respondendo às demandas sociais e nacionais de sua época, os Zosimas formaram o modelo dos colecionadores-benfeitores, donos de tesouros da nação.

Katsikoudis ainda analisou um fenômeno não muito surpreendente no processo de patrimonialização das coleções gregas. Postolakas, o diretor, julgou quais moedas da coleção de Zosimas deveriam ser posse do museu e optou por manter apenas as moedas greco-romanas: 230 de ouro, 3.602 de prata e 8.625 de bronze. Outras 5.802 moedas, entre elas moedas bizantinas e modernas, foram incorporadas somente com o diretor Svoronos.

Na Grécia, em particular, o período bizantino era considerado como um período infeliz da história grega, uma cultura teocrática e autoritária, como no período de dominação otomano. Assim como os renascentistas olhavam para a Europa Medieval, era uma “Idade das Trevas” (Roudometoff, 1998, p. 16; Zervas, 2010, p. 6). Vale ressaltar aqui que moedas greco-romanas sempre possuíam privilégios nas coleções numismáticas, e essa tradição se espalhou pelo mundo. Kenneth Sheedy (2012) e Lígia Perroni (2022) analisaram a influência que moedas gregas em especial possuíam para a formação de coleções numismáticas fora da Europa, na Austrália e no Brasil respectivamente.

O helenismo foi muito responsável pela grande dispersão de moedas gregas fora da Grécia. Como afirmado por Sheedy, “os processos envolvidos na transferência de objetos antigos podem hoje ser descritos como globais – e aqui me refiro ao movimento contínuo de objetos, às vezes em grande escala, de uma comunidade para as coleções particulares e instituições estatais de outra” (2012, p. 110). Isso também pode ser atestado pela grande variedade de nacionalidades no projeto de publicação e catalogação de moedas gregas, o *Sylloge Nummorum Graecorum*, em especial países não afetados pela colonização grega, como o Brasil (projeto do Museu Histórico Nacional), a Austrália e os Estados Unidos.

Atualmente o museu conta com uma coleção expressiva do período bizantino e otomano, resultado em parte dos esforços de Ioannis Svoronos. Moedas e cédulas do Estado Grego moderno também estão presentes. Além da coleção numismática, o museu também possui recursos para sigilografia, com selos de chumbo do período bizantino, sigilos e sinetes, e para a medalhística, com medalhas que preservam a história militar e diplomática grega.

Para gerenciar suas coleções, o museu conta com o Departamento de Moedas Antigas, Pesos e Pequenos Artefatos, o Departamento de Moedas e Selos Bizantinos e Medievais e o Departamento de Moedas e Medalhas Modernas. Além disso, possui uma biblioteca de publicações numismáticas e uma coleção de documentos pessoais de Heinrich Schliemann⁴ e sua esposa, Sophia.

Museus numismáticos passaram por uma espécie de renascimento nas últimas décadas. Como é o caso do Museu Numismático de Atenas, em que exposições temáticas se tornaram mais comuns e atrativas para representar a moeda de um ponto de vista diferente em vez de uma visão meramente financeira. A criação do ICOMON (International Committee of Money and Banking Museums), em 1994, refletiu uma mudança de práticas museológicas que finalmente estava chegando aos “museus de dinheiro” (Nomikou, 2013, p. 167). Quatro anos depois, o Museu Numismático de Atenas abriu as portas do Iliou Melathron ao público geral pela primeira vez desde sua inauguração em 1881.

Mesmo assim, a instituição ainda passa por algumas questões particulares. Se museus são bancos coletivos de memória, o Museu Numismático de Atenas é um lugar onde a memória coletiva e a memória privada se chocam. De um lado, a apresentação histórica e descritiva do objeto numismático. Do outro, quadros e placas comemorativas dos colecionadores que formaram a coleção do museu. A herança grega contida nessas moedas é nacional, mas ela teve de passar pelas mãos de nossos benfeitores antes.

A patrimonialização das coleções não é algo novo, muito menos particular ao Museu Numismático. Porém, quando a instituição aceita as coleções numismáticas e as eleva a patrimônio público com memoriais a seus doadores, fica claro que há uma disputa social que se reflete nas atitudes modernas com a cultura material.

O Iliou Melathron continua como símbolo de uma moda urbanística que buscou manter a Grécia presa em uma versão da histó-

⁴ Parte dos documentos pessoais de Schliemann estão no Museu Numismático, porém a maioria está localizada na Escola Americana de Estudos Clássicos de Atenas e no Instituto Arqueológico Alemão de Atenas (também projetado por Ernest Ziller e Schliemann)

ria enquanto destruía o “resto”. Schliemann, que tanto se preocupou com sua imagem, também se tornou ultrapassado. Hoje, apenas as moedas permanecem atuais, e continuariam existindo com ou sem Schliemann.

Vae Victis, Ilium!

Ouvi-me, Troianos e Dardânios e aliados,
para que vos diga o que o coração me impele a dizer!
Restituamos Helena, a Argiva, e com ela os tesouros
aos Atridas para levarem [...]
Antenor no palácio de Príamo
(Homero, 2013, p. 226)

Em 2022, instituições culturais na Alemanha e na Grécia celebraram o bicentenário do nascimento de Heinrich Schliemann com enormes exposições. Com créditos e críticas, o legado do arqueólogo permanece um ponto de discórdia e fascinação. Descobridor de Ilium, contrabandista arqueológico, amigo de Émile-Bernoulli, pai da arqueologia micênica, destruidor da Torre Franca, sua mansão homenageia Troia no centro de Atenas, sua maior inimiga.

O Museu Numismático de Atenas encontrou um par perfeito no Iliou Melathron, pois ambos buscavam sentido na Antiguidade Clássica, ou melhor, no Período Helenístico. A diferença é que o Museu Numismático foi pensado como forma de construir uma nação moderna independente, enquanto Schliemann buscava em Homero as bases da civilização ocidental. Assim como as esculturas do Pártenon que foram levadas para o Museu Britânico ou a Vênus de Milo do Louvre, o Tesouro de Príamo não permaneceu na Grécia⁵.

Sendo vendido para o Museu Pergamon de Berlim, o tesouro também não permaneceu na Alemanha por muito tempo. Após ser alocado para um bunker fortificado durante a Segunda Guerra Mundial junto com outros objetos de museus alemães, o Tesouro de Príamo

⁵ O Tesouro de Príamo se tornou oficialmente propriedade de Schliemann após a transferência de uma parte dos achados e o pagamento de 46 mil francos em ouro para o Império Otomano (Kourkoulakos Balaskas, 2025).

foi levado pelo exército soviético após a Batalha de Berlim como restituição pela destruição dos museus russos durante a invasão alemã e hoje repousa no Museu Pushkin, em São Petersburgo.

Coleções numismáticas são compreendidas primariamente como uma coleção de nomes. A fama da numismática como hobby dos reis serviu para retirar do objeto – a moeda – sua função social e entregá-la ao colecionador, e histórias fantásticas sobre seus donos permeiam um imaginário de colecionadores “menores”. Casos como as coleções de Vittorio Emanuele III da Itália ou Farouk do Egito suscitam curiosidade nos numismatas que anseiam por conhecer o paradeiro desses enormes tesouros, interrompidos por guerras, revoluções ou desastres. Se Schliemann precisou evocar Agamenon para dar sentido aos seus achados, museus numismáticos evocam seus ricos doadores para o mesmo fim. Em ambos os casos, são figuras mitológicas.

Referências

- ALMEIDA, Adilson et al. O Serviço de Objetos do Museu Paulista. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 10-11, p. 227-257, 2002-2003. DOI: 10.1590/S0101-47142003000100013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/5Y-4JKYn8py9y9ZDSv7VWZbr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.
- ANTONIADIS, Vyron; KOUREMENOS, Anna. Selective memory and the legacy of archaeological figures in contemporary Athens: the case of Heinrich Schliemann and Panagiotis Stamatakis. *The Historical Review = La Revue Historique*, [s. l.], v. 17, p. 181-204, 2020. DOI: 10.12681/hr.27071. Disponível em: <https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/historicalReview/article/view/27071>. Acesso em: 18 set. 2025.
- BEDIAGA, Begonha (org.). *Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999. Disponível em <https://museuimperial.museus.gov.br/diarios/>. Acesso em: 15 set. 2025.
- BLOEDOW, Edmund F. Schliemann on his accusers. *Tyche*, Viena, v. 1, p. 235-, 1986. Disponível em: <https://tyche.univie.ac.at/index.php/tyche/article/view/4384/4180>. Acesso em: 18 set. 2025.
- CARBONE, Lucia; KMETZ-SHEEHY, Andrea. The Olcott coin collection at Columbia University. *ANS Magazine*, [s. l.], n. 2, p. 1-9, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39636806/The_Olcott_Coin_Collection_at_Columbia_University. Acesso em: 15 set. 2025.
- CRISÀ, Antonino. *Numismatic and archaeological collecting in northern Sicily during the first half of the nineteenth century*. Oxford, England: British Archaeological Reports, 2012. (BAR International Series, 2411).

DEUEL, Leo. *Memoirs of Heinrich Schliemann*: a documentary portrait drawn from his autobiographical writings, letters, and excavation reports. New York: Harper & Row, 1977. Disponível em: <https://archive.org/details/memoirsofheinric0000deue/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 15 set. 2025.

ERNST, Ziller. *Heinrich Schliemann Mansion "Iliou Melathron"*: showcase with glass lid for the Numismatic Collection in the Library: side and main view. 1881. 1 desenho, lápis e tinta sobre papel, 26 × 41 cm. Disponível em: <https://www.nationalgallery.gr/en/artwork/heinrich-schliemann-mansion-iliou-melathron-showcase-with-glass-lid-for-the-numismatic-collection-in-the-library-side-and-main-view/>. Acesso em: 15 set. 2025.

EYΘYMIΟΥ, Ιουλιαννα; ΣΑΡΑΝΤΗ, Γαρυφαλλία. *Νεοκλασικισμός και αρχιτεκτονική μουσειών* [Neoclassicismo e arquitetura de museus]. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Unidades Culturais e Turísticas) – Departamento de Administração, Economia e Comunicação, Escola de Administração e Economia, Instituto de Educação Tecnológica da Grécia Ocidental, Universidade de Patras, Patras, 2018. Disponível em: https://www.openarchives.gr/aggregator-openarchives/edm/nemertes/000009-10889_19916. Acesso em: 18 set. 2025.

GAZI, Andromache. Ο κύριος Σλήμαν δεν είναι εδώ: μια νεανική ματιά στο Ιλίου Μέλαθρον. *Μουσειολογία* [Museologia], [s. l.], n. 6, 2011. Disponível em: <http://museology.ct.aegean.gr/articles/201110417514.pdf>. Acesso em: 18 set. 2025.

GORGAS, Mónica Risnicoff de. Reality as illusion: the historic houses that become museums. *Museum International*, [s. l.], v. 53, n. 2, p. 10-15, 2001. DOI: 10.1111/1468-0033.00307.

GRAZIADIO, Giampaolo; PEZZI, Elisabetta. Schliemann and the so-called 'Agamem-

non's Mask'. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, [s. l.], v. 48, p. 113-131, 2006. Disponível em: https://smea.isma.cnr.it/wp-content/uploads/2016/02/Graziadio-Pezzi_Schliemann-and-the-so-called-Agamemnons-Mask.pdf. Acesso em: 15 set. 2025

GRENDAL, Allison. *Chasing a myth: Schliemann's Iliou Melathron and German influence in 19th-century athenian urban design*. [S. l.], 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/44645565/Chasing_a_Myth_Schliemanns_Iliou_Melathron_and_German_Influence_in_19th_Century_Athenian_Urban_Design. Acesso em: 15 set. 2025.

GUPTA, Shreya. Exchanging coins in colonial Bombay: coin collectors and scholars at the Bombay Branch of the Royal Asiatic Society. In: MYRBERG BURSTRÖM, Nanouschka; KEMMERS, Fleur (ed.). *Money, coinage and colonialism: entangled exchanges*. Abingdon: Routledge, 2025. cap. 4.

HENGVELD, Dennis. A pedigree lost?: the King Farouk collection of world paper money. *Stack's Bowers Galleries*. [S. l.], 19 jun. 2024. Disponível em: <https://stacksbowers.com/a-pedigree-lost-the-king-farouk-collection-of-world-paper-money/>. Acesso em: 15 set. 2025.

HIRSCH, Erhard. Deutsche Pompeiana vom Wörlitzer Landhaus bis zu Schliemanns Iliou Melathron. In: KORRES, George Styl.; KARADIMAS, Nektarios; FLOUDA, Georgia (ed.). *Αρχαιολογία Και Ερμικό Σλήμαν: εκατό έτη από το θάνατό του: ανασκόπηση και προοπτικές: μύθος – ιστορία – επιστήμη = Archaeology and Heinrich Schliemann: a century after his death: assessments and prospects: myth – history – science*. Atenas: [s. n.], 2012. p. 441-448.

HODNE, Lasse. Winckelmann's depreciation of colour in light of the Querelle du coloris and recent critique. *Konsthis-*

torisk tidskrift = Journal of Art History, [s. l.], v. 89, n. 3, p. 191-210, 2020. DOI: 10.1080/00233609.2020.1788636. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00233609.2020.1788636>. Acesso em: 15 set. 2025.

HOMERO. *Iliada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JARDINE, Boris; KOWAL, Emma; BANGHAM, Jenny. How collections end: objects, meaning and loss in laboratories and museums. *BJHS Themes*, [s. l.], v. 4, p. 1-27, 2019. DOI: 10.1017/bjt.2019.8. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/bjhs-themes/article/how-collections-end-objects-meaning-and-loss-in-laboratories-and-museums/8B-B44CBED3B7042D4481B77AA5613FA1>. Acesso em: 15 set. 2025.

KATΣΙΚΟΥΔΗΣ, Νικόλαος. “Το αρχαιολογικόν ταμειον” των Ζωσιμαίων: από τη “συλλογή νομισματικῆς ὑλῆς” στο Ἰλίου Μελαθρον [“O fundo arqueológico” de Zosimalos: da “coleção de material monetário” no Iliou Melathron]. *Dodoni*, [s. l.], v. 34, p. 209-224, 2005. Disponível em: <https://olympias.lib.uoi.gr/jspui/bitstream/123456789/25429/6/%CE%A4%CE%BF%20%27%CE%91%CF%81%CF%87%CE%B1%CE%B9%CE%BF%CE%BB%CE%BF%CE%B3%CE%B9%CE%BA%CF%8C%CE%BD%20%CE%A4%CE%B1%CE%BC%CE%B5%CE%AF%CE%BF%CE%BD%27%20%CF%84%CF%89%CE%BD%20%CE%96%CF%89%CF%83%CE%B9%CE%BC%CE%AC%CE%B4%CF%89%CE%BD.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

KOURKOULAKOS, Antonis; BALASKAS, Vasileios. Hellenizing Mycenae: from Hein-

rich Schliemann’s excavations to National Museum. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s. l.], v. 49, n. 2, p. 251-268, 2025. DOI: 10.1017/byz.2024.30. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/byzantine-and-modern-greek-studies/article/hellenizing-mycenae-from-heinrich-schliemanns-excavations-to-national-museum/6134C52D0D4F6AF0CF4F4E1C44718454>. Acesso em: 15 set. 2025.

LEICK, Gwendolyn. The swastika: constructing the symbol. *Folklore*, [s. l.], v. 108, annual 1997. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA20438268&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=0015587X&p=AO-NE&sw=w&userGroupName=anon%7Eba859f-2c&aty=open-web-entry>. Acesso em: 15 set. 2025.

LEONCINI, Luca; SIMONETTI, Farida (ed.). *Abitare la storia: le dimore storiche-museo: restauro, sicurezza, didattica, comunicazione: atti del convegno*. Torino: Umberto Allemandi, 1998.

LOCK, Peter. The Frankish Towers of Central Greece. *Annual of the British School at Athens*, [s. l.], v. 81, p. 101-123, 1986. DOI: 10.1017/S0068245400020104. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/annual-of-the-british-school-at-athens/article/frankish-towers-of-central-greece/4ED6473751AFA1DC1F826E6BCD96C851>. Acesso em: 18 set. 2025.

MAGALHÃES, Maricé Martins. *Sylloge Nummorum Graecorum*: Brasil: moedas gregas e provinciais romanas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011. v. 1.

MORALES MORENO, Luis Gerardo. Museo-grafía e historiografía. *Boletín del Archivo General de la Nación*, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 15-37, invierno 1994. Disponível em: <http://bagn.archivos.gob.mx/index.php/legajos/article/view/1023>. Acesso em: 18 set. 2025.

- NOMIKOU, Effrosyni. The other side of the coin: audience consultation and the interpretation of numismatic collections. In: FRITSCH, Juliette (ed.). *Museum gallery interpretation and material culture*. Londres: Routledge, 2013. p. 169-184.
- NUMISMATIC MUSEUM (Greece). *Numismatic Museum*. Athens, [2025]. Disponível em: <https://www.nummus.gr/en/>. Acesso em: 18 set. 2025.
- PAVONI, Rosanna (ed.). *Reviving the Renaissance: the use and abuse of the past in nineteenth-century Italian art and decoration*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PERRONI, Lígia Kulaif. *A numismática no Museu Paulista: uma coleção de moedas em um museu de história natural (1893-1916)*. 2021. Dissertação (Mestrado em Interunidades de Museologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-20062022-141412/pt-br.php>. Acesso em: 15 set. 2025.
- PINNA, Giovanni. Introduction to historic house museums. *Museum International*, Paris, v. 53, n. 2, p. 4-9, 2001. DOI: 10.1111/1468-0033.00306. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000122975>. Acesso em: 15 set. 2025.
- ROUDOMETOF, Victor. From Rum millet to Greek nation: Enlightenment, secularization, and national identity in Ottoman Balkan society, 1453-1821. *Journal of Modern Greek Studies*, Baltimore, v. 16, n. 1, p. 11-48, 1998.
- SCHLIEMANN, Heinrich. *Ilios: the city and country of the Trojans: the results of researches and discoveries on the site of Troy and throughout the Troad in the years 1871, 72, 73, 78, 79*. New York: Arno Press, 1976.
- SHEEDY, Kenneth A. *Ancient coins for the colonies: Hellenism and the history of numismatic collections in Australia*. *Modern Greek Studies*, Australia, ed. special, p. 109-122, 2017.
- SHEEDY, Kenneth A. *Sylloge Nummorum Graecorum: Australia: the Gale collection of South Italian coins*. Sydney: Numismatic Association of Australia, 2008. v. 1.
- SÜSSEKIND, Paulo. A Grécia de Winckelmann. *Kriterion*, Belo Horizonte, [v. 49], n. 117, p. 67-77, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/tHNSDRqCmWDz7hjd-8Wd8SRC/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.
- SVORONOS, Jean N. *Synopsis de mille coins faux du fausaire C. Christodoulos*. Athènes: [s. n.], 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/synopsisdemillec00svor/page/8/mode/2up>. Acesso em: 15 set. 2025.
- TOPIĆ, Natasha. *Heinrich Schliemann and the 'Mask of Agamemnon'*. *Canta = ἀειδε: Journal of Classical Studies*, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 52-68, 28 May 2025.
- TRAILL, David J. Bloedow on Schliemann's accusers. *Tyche: beiträge zur Alten Geschichte, Papyrologie und Epigraphik*, Wien, v. 3, p. 235-239, 1988. DOI: 10.15661/tyche.1988.003.20. Disponível em: <https://tyche.univie.ac.at/index.php/tyche/article/view/4384>. Acesso em: 18 set. 2025.
- ZERVAS, Theodore G. *Beginnings of a modern Greek identity: the Byzantine and legacy*. [S. l.], [Jan. 2010]. Artigo. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347964372_Beginnings_of_a_Modern_Greek_Identity_Byzantine_Legacy. Acesso em: 18 set. 2025.

Pedro Mangeti Zaninetti | Numismata, bacharel em História pela Universidade de São Paulo e mestrando do Programa de Pós-graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa em Numismática Antiga do MAE-USP e do Núcleo de Apoio à Pesquisa Brasil África da FFLCH-USP. Email: pedromz1000@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8161136213766696> | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9616-7718>.

[<< Voltar ao início](#)